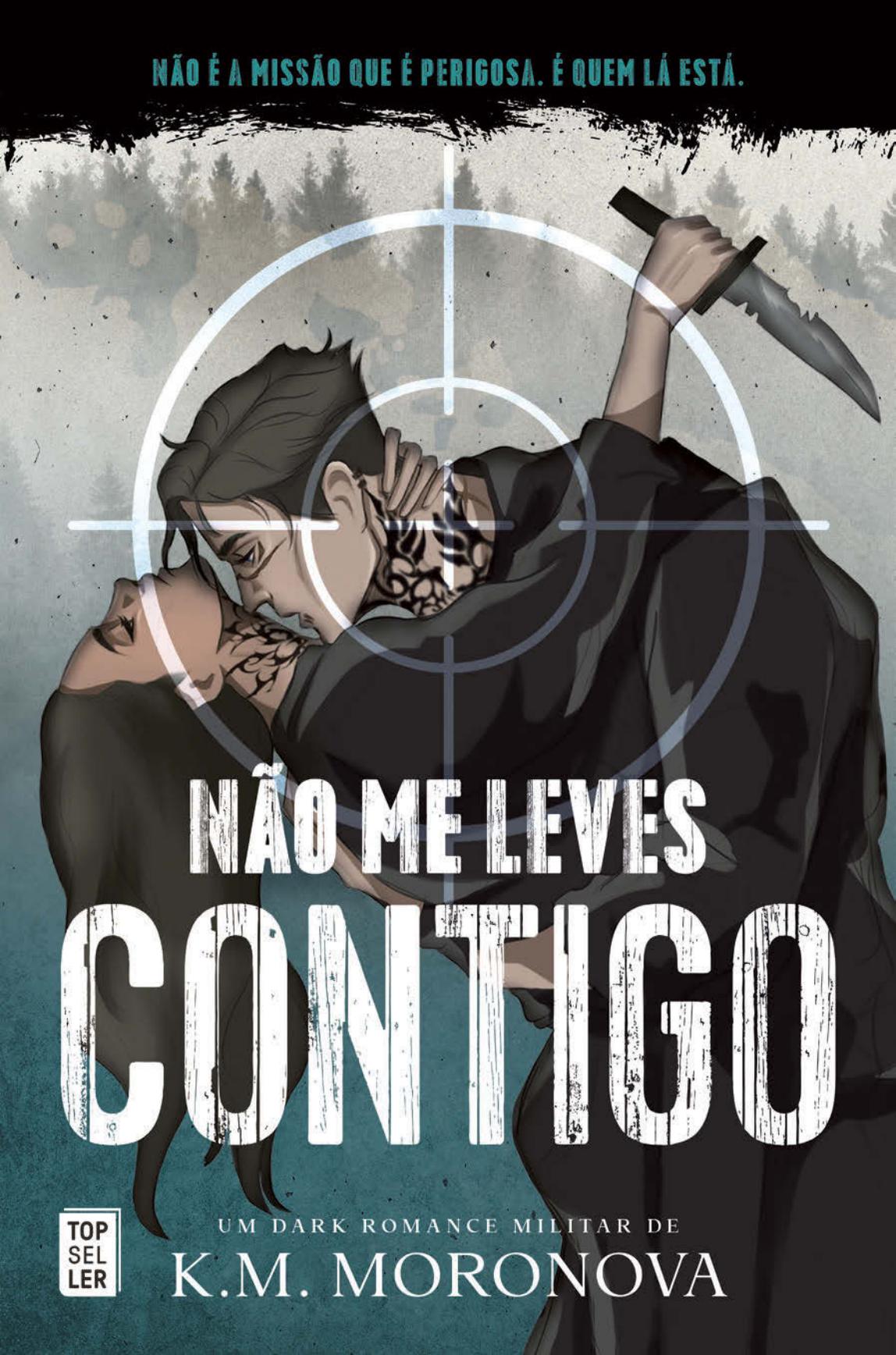


NÃO É A MISSÃO QUE É PERIGOSA. É QUEM LÁ ESTÁ.



NÃO ME LEVES CONTIGO

TOP
SELER

UM DARK ROMANCE MILITAR DE
K.M. MORONOVA

*Dedicado àqueles que desejam
uma história de amor violenta.*

PLAYLIST

«Jerk», Oliver Tree

«My Songs Know What You
Did in the Dark (Light Em
Up)», Fall Out Boy

«Can't Hold Us», Macklemore
& Ryan Lewis

«Waste», kxllswxth

«Enemy», Tommee Profitt
feat. Beacon Light, Sam
Tinnesz

«Ava», FAMY

«Brother», Kodamine

«Hate Myself», NF

«Fill the Void», The Weeknd,
Lily-Rose Depp, Ramsey

«Tourniquet», Zach Bryan

«Older», Isabel LaRosa

«Pretty toxic revolver», MGK



«I hate u, I love u», Gnash
«Black Dahlia», Hollywood
Undead
«Bloody Valentine», MGK
«I think I'm OKAY», MGK

«To die for», Sam Smith
«I am the Antichrist to you»,
Kishi Bashi
«Animals», Maroon 5



AVISO DE CONTEÚDO

O conteúdo deste livro pode atuar como gatilho e ser perturbador para alguns leitores. Este é um romance militar sombrio que se passa num cenário fictício das Dark Forces. Algumas armas e missões são muitíssimo irrealistas. Certos locais e pontos de referência também são fictícios.

Se é sensível ou se ofende facilmente com qualquer um dos temas abaixo, por favor, não leia este livro.

Este livro inclui: violência física, cenas de sexo explícito, tara por dor, *blood play*, humor mórbido, *gore* explícito, morte, linguagem explícita, bullying extremo, assédio, agressão sexual, falta de consentimento, consentimento dúbio, comportamento sexista, trauma de guerra/aspectos de guerra, stress pós-traumático, referência a violação e invasão de domicílio, homicídio.

PRÓLOGO

BONES

PATAGÓNIA, DOIS ANOS ANTES

Os olhos do Abrahm estão embaciados por sangue escuro. Tento limpar os fios vermelhos do rosto dele com a minha manga, mas corre sem cessar do corte que tem num dos lados da cabeça. O seu cabelo castanho-alourado, sempre tão brilhante, tem agora uma cor de vinho e parece marcado pelo chamamento da morte. Poeira e pequenas pedras agarram-se à viscosidade na sua pele. Sinto-me percorrido pelo pânico; preciso de toda a minha força de vontade para manter uma expressão calma e sem emoções.

— B... Bones.

Sinto um peso no peito com a fraqueza da sua respiração chorosa. Com a forma como os seus dedos tremem quando estende a mão para mim. As suas luvas pretas estão encharcadas em sangue. Cerro os dentes sobre o lábio inferior para acalmar a agonia que se infiltra na minha garganta.

— Estou aqui, Abrahm — respondo, fechando os olhos para afastar o desespero.

— Tenho... — Ele tosse e o sangue salpica-me a máscara. Não pestanejo. — M... medo. — Os seus olhos verdes estão amarelo-escuros com um líquido vermelho, perdendo o brilho à medida

que a morte se apodera dele. Descalço tremulamente as luvas e pouso a palma fria da minha mão sobre o seu rosto.

Merda. Nem devíamos estar aqui, não assim. O Esquadrão Riot devia encontrar-se connosco no posto de controlo. Onde raio estão? Agacho-me quando balas se cravam no terreno seco e levantam poeira ao nosso redor.

O peito do Abrahm tem um buraco aberto mesmo ao lado do coração, e o calor da sua carne abandona-o rapidamente. *Raios partam.* Levanto a cabeça e procuro o resto do nosso esquadrão por entre o fumo. Vejo apenas três inimigos em vida que jazem imóveis no espaço aberto. Matei-os sem piedade, cruelmente, como fui ensinado, mas não foram eles que mataram o meu vice-comandante. Não são eles os responsáveis pela sua vida que se esvai. A bala atravessou-lhe o colete e deve ser de grande calibre.

Cerro os punhos. Porque é que ele não ficou na linha, como lhe disse? *Raios partam.*

O resto do meu esquadrão dispara e mantém a zona segura, mas é demasiado tarde. Vi morrer muitos homens. Sei quando os danos são irreparáveis. O Abrahm não se vai safar, e eu sinto-me incapaz de sair do seu lado. Há protocolos que preciso de seguir, e a missão ainda não está terminada, mas já não me importa como antes. Não agora que ele vai morrer. Deixo que os meus olhos se fechem e tiro a máscara lentamente, com mãos trémulas.

Um rosto que ninguém devia conhecer. *Quero que ele o conheça.*
Abro os olhos e encaro-o.

Os do Abrahm abrem-se desmesuradamente ao mesmo tempo que franze levemente o cenho de preocupação.

— Bones, não devias fazer isso... — diz, tentando estender a mão para me cobrir o rosto, mas já não consegue levantar o braço. Apanho a sua mão quando cai.

— Bradshaw.

Os seus olhos fatigados fecham-se lentamente, mas os lábios gretados abrem-se num breve sorriso.

— Chamo-me Bradshaw — continuo, em pouco mais do que um sussurro, mas sei que ele me ouve.

O Abrahm solta o seu último suspiro, e parece um suspiro de alívio. Não parece nada o derradeiro som que alguma vez produzirá.

Os olhos dele continuam fixos em mim, agora velados, mas vendo até ao meu íntimo.

A sua luz desapareceu.

E a vingança instala-se no meu coração.

CAPÍTULO 1

NELL

Vou ser transferida para um esquadrão de demónios. Não literalmente. São apenas homens que estão muito perto disso.

Todo o Esquadrão Riøt foi abatido há dois anos numa missão de Nível Vermelho na Patagónia. Todo, exceto eu. E o que me valeu a minha sobrevivência, além de uma forte dose de trauma? Fui transferida para o pior esquadrão possível: o Malum.

Deixo escapar um suspiro demorado e olho para o relógio pela centésima vez. Bato o pé com impaciência enquanto espero que a fila de passageiros à minha frente retire as suas bagagens dos compartimentos por cima das nossas cabeças para que eu possa sair do avião e chegar ao próximo terminal.

Enquanto atravesso o aeroporto a correr para apanhar o meu voo de ligação, tento desesperadamente convencer-me de que posso ganhar o respeito do meu novo esquadrão apenas com suor e sangue. *Esperemos que não sejam tão implacáveis como o Riøt quando me juntei a eles.*

Quando embarco, o lugar junto à janela já se encontra ocupado na minha fila. Pego no bilhete para confirmar o meu número. *O idiota ficou com o meu lugar.* Solto um suspiro irritado. É uma fila

de três lugares com um homem em cada ponta, sobrando o lugar do meio para mim. O do lugar do lado do corredor tem o capuz puxado para a frente, escondendo-lhe o rosto.

O outro também está vestido de preto e tem o capuz puxado para diante, mas está a olhar pela janela. Não parece preocupado com o que o rodeia. Mantenho-me de pé, irritada, mas as pessoas atrás de mim começam a ficar impacientes, pelo que me contento com o lugar do meio. *Céus, detesto andar de avião*. Todos ficam zangados, cansados e muito, *muito* mal-educados.

O tipo do lado do corredor não se dá ao trabalho de afastar as pernas ou levantar a cabeça, pelo que engulo a imprecação que se forma na minha garganta e tento contorná-lo. Assim que as minhas coxas roçam nos seus joelhos, arrependo-me de ter decidido vestir leggings pretas. Pensando bem, devia ter vestido calças de fato de treino.

Enquanto me desvio dos seus pés, o meu pé mais recuado fica preso entre os dele e eu caio para diante. A minha mochila cai no colo do tipo do lado da janela, e o do lado do corredor ampara-me com uma mão forte, que apoia na minha barriga; a outra agarra a parte interior da minha coxa.

Instintivamente, solto-me dele e lanço-lhe um olhar mortífero. De curta duração. Porque ele olha para mim e consigo ver o seu lindo rosto. Um brilho gelado irradia-lhe dos olhos azul-claros. O conjunto do seu queixo afilado e da sua expressão vazia faz com que o comportamento dele pareça ainda mais frio. Uma fina cicatriz de pouco mais de dois centímetros por baixo do seu olho esquerdo confere-lhe um ar cansado. Uma segunda cicatriz cruza-lhe a cana do nariz, e duas pequenas cicatrizes parecem nervuras do lado direito do seu lábio inferior, assemelhando-se a piercings. As faces encovadas são realçadas por músculos que definem a estrutura óssea. É, facilmente, o homem mais bonito que alguma vez vi.

Recupero a razão quando me lembro de que os civis não reagem bem às minhas respostas treinadas de criação de perfis.

Inspiro profundamente e deixo o ar sair devagar.

— Obrigada — agradeço, de modo casual, antes de ocupar o lugar do meio. Ele não responde e inclina a cabeça para trás, contra a cadeira. Olho para ele e vejo os auscultadores que espreitam por baixo do capuz e o impedem de me ouvir. Não penso duas vezes no pequeno encontro. Só quero que este último voo termine para poder finalmente dormir antes do início do pesadelo de amanhã. O tipo do lugar da janela sorri-me brevemente e entrega-me a minha mochila. — Peço desculpa — murmuro, sem olhar acima dos lábios dele.

Ponho os meus próprios auscultadores e encaixo a mochila debaixo do banco antes de me pôr à vontade. Bem, tão à vontade quanto alguém pode estar num avião. Detesto voar, sempre detestei e sempre detestarei. A ansiedade costumava correr-me pelas veias assim que entrava num avião, mas fui duramente tratada para esse medo.

O voo até à Califórnia tem a duração de seis horas. A dada altura, adormeço, até a turbulência me arrancar do sono.

O estado de alerta faz-me concentrar de imediato, antes de me lembrar de que não estou num helicóptero. O som de qualquer turbulência deixa-me nervosa. Aprendi a ter o sono leve. Levanto a cabeça e olho em volta com urgência, colocando os auscultadores em torno do pescoço enquanto pestanejo para afastar a sonolência da minha sesta. Percebo que todos leem em silêncio, assistem a um filme ou dormem.

Aliviada, olho para o passageiro do lado da janela, sentado ao meu lado. Observa-me com uma expressão curiosa. Arregalo os olhos quando me viro para ele. O avião está pouco iluminado, mas, mesmo que estivesse completamente escuro, continuaria a ser capaz de perceber que é atraente e, *esperem...* Podia jurar que estava sentado do lado do corredor antes de eu adormecer. Cabelos negros espreitam sob a orla do seu gorro cinzento-escuro, a combinar com as sobrancelhas também escuras. Os seus olhos são de um azul mais escuro e suave do que antes.

Mas não tem as cicatrizes por baixo do olho esquerdo, sobre o nariz e no lábio inferior.

— Desculpe, não estava sentado no lugar do lado do corredor?
— pergunto, de modo hesitante. Ele não me parece o mais simpático dos homens. Pelo que me surpreende que ponha de lado o olhar analítico para me dirigir um breve sorriso.

— Não. Esse é o meu irmão gêmeo — responde em voz baixa. O seu tom é rouco e agradável. Nem demasiado alto, nem demasiado baixo, antes um perfeito meio-termo.

Fico surpreendida pelo ser charme e demoro uns momentos a conseguir responder.

— Oh. — Franzo o sobrolho, e ele parece divertido com isso. *Gêmeos*? Os olhos dele descem até aos meus lábios antes de se fixarem de novo no meu olhar. Será modelo? Sem dúvida que podia ser. Sinto uma vontade enorme de lhe fazer perguntas que normalmente não faria. Há algo convidativo no seu sorriso irónico que me provoca. *Faz-me lembrar o sargento Jenkins*. Afasto de imediato essa ideia; pensar no Jenkins só me traz uma dor profunda ao coração.

— Pois, ele não fala muito, ao contrário de mim — continua, piscando-me o olho. — Mas aquela turbulência assustou-a, não? Tinha apagado por completo com a cabeça no meu ombro — remata, rindo-se por entre dentes, e o meu ânimo pesado anima-se um pouco.

Esperem. Eu fiz o quê?

Um calor sobe-me às faces e afasto-me o mais que posso dele no meu lugar, sentindo-me demasiado perto e envergonhada. Mas não tenho como fugir. As nossas coxas estão literalmente a tocar-se.

— Peço imensa desculpa — articulo, mortificada.

Ele ri-se e encolhe os ombros.

— Não faz mal, só não esperava. Deve estar cansada de viajar. Qual é o seu destino final? — O meu coração palpita com o sorriso infantil que me dirige. As suas pestanas são compridas e espessas, tornando os olhos cor de oceano ainda mais irresistíveis. Parece ter 20 e muitos anos.

— Acho que não se pode dizer *destino final* num avião. — Devolvo o charme com a referência cinematográfica e deixo escapar uma curta gargalhada. — Coronado, Califórnia. E o seu?

Ele volta-se na cadeira para me encarar melhor, ao mesmo tempo que sorri diabolicamente perante o meu comentário.

— Também, na verdade. Viajo muito em trabalho, pelo que estou a habituado a voos longos.

Faço que sim com a cabeça, evitando dizer que também estou.

Ele interpreta a minha pausa como falta de vontade de responder.

— Eren — apresenta-se num murmúrio.

— Hã? — digo apenas, olhando de novo para ele, ao que me dirige um novo sorriso delicado.

— Chamo-me Eren.

— Ah. Gosto em conhecê-lo, Eren. Sou a Nellie — apresento-me, usando o diminutivo em vez do nome formal. Estendo-lhe a mão desajeitadamente. As pessoas ainda apertam as mãos? Estou habituada a fazer continência. Tudo parece surreal no mundo civil.

Não é que tenha tido tempo para me familiarizar com a sociedade. Mostrei ao mundo quem era quando fiquei órfã aos 15 anos. Foi quando a facção militar clandestina me deitou a mão. Passaram-se dez anos desde então.

É assim que passamos a ter máquinas de matar de elite como companhia. As Dark Forces pegam em pessoas como eu, que fizeram algo indizível, e dão-nos uso, ao invés de nos porem na prisão. Não existimos, não no papel. Há muito que fomos esquecidos por aqueles que conhecíamos.

Sou apenas uma arma. Uma cadela raivosa a fugir de um inevitável disparo mortal.

Talvez seja o segredo mais sombrio do governo, o lado oculto das forças especiais que faz todo o trabalho sujo com que não querem conspurcar as mãos. Antiterrorismo, combate no estrangeiro, raids para recuperar armas no mercado negro. Somos enviados para acabar com tudo isso e não nos dão qualquer crédito.

Basicamente, tudo resumido, somos esquadrões suicidas. Os generais só querem certificar-se de que executamos as missões. Estão-se a borrifar para nós.

— Igualmente — diz o Eren, apertando-me a mão e sacudindo-a ligeiramente.

Encosta a cabeça às costas da cadeira e olha fixamente para mim. Os seus olhos são impiedosos, penetrando-me e desafiando-me a desviar o olhar. Sou o tipo de pessoa que só consegue manter contacto visual durante alguns segundos, mas com ele não sinto necessidade de afastar o olhar. Ele procura algo nos meus olhos, estudando-me atentamente.

— Bonitas tatuagens — observa, sorrindo.

— Obrigada — respondo, levando a mão ao pescoço. — Doeram horrores quando as fiz.

— Aposto que sim, mas são fantásticas. Tem alguém à sua espera na Califórnia? — pergunta ousadamente.

— Não, apenas trabalho — respondo, abanando a cabeça. Tenho a certeza de que ele percebe o rubor que me invade as faces. — Não tenho lá ninguém especial.

Ou onde quer que seja.

— É demasiado bonita para não ter alguém especial — observa o Eren, erguendo uma sobrancelha e acenando que não com a cabeça.

O miúdo sentado atrás de nós pontapeia as costas da minha cadeira e eu pestanejo como uma idiota perante aquelas palavras.

Ele acha-me bonita? Sendo militar, os únicos comentários que recebo de homens são «belo rabo», «és boa para foder», «adoro o cabelo comprido para enrolar na mão» e «tens lábios de chupa-pilas». Só que depois apareceu o Jenkins, e, apesar de nunca me ter dito que sou bonita, certificou-se de que eu sabia disso com os olhares roubados e os beijos inebriantes.

Mas quando penso no sargento Jenkins, recordo apenas o sangue em que ele estava encharcado naquela derradeira noite. Depois de o ver como vi na Patagónia, custa-me recordar o seu bonito cabelo louro e o sorriso raro que guardava apenas para mim.

Pestanejo para afastar as chamas que lambem as minhas recordações.

— E você? — pergunto. Tenho a certeza de que o Eren tem uma família, ou pelo menos uma mulher. Os meus olhos fixam a sua mão perante este pensamento. *Não tem aliança.*

— Ná. Não sou de relações.

Isso aguça o meu interesse. Será militar? Ele deve ter reparado no meu olhar curioso, porque me brinda com um sorriso.

— Estou no exército — admite. Percebo que não quer falar muito sobre isso e não insisto. Não refiro que também sou uma assassina treinada. Devo ser discreta quanto ao esquadrão a que me vou juntar, pelo que mantenho o tema fora da conversa. Mas pensar nisso recorda-me o inferno para que me dirijo. *O Esquadrão Malum.* A equipa das Dark Forces que enviam quando não podem enviar nenhum dos outros esquadrões suicidas. O Malum, que lixou o Riøt quando não apareceu no posto de controlo antes de as coisas se descontrolarem na Patagónia.

— Obrigada pelo seu serviço, *senhor* — digo maliciosamente.

Os seus olhos abrem-se com uma centelha de interesse que lhe puxa os cantos dos lábios. Ele não será alguém que vou encontrar na base, pois não? Duvido muito. Normalmente, não seria de flirtar com companheiros de serviço porque acaba sempre mal, mas os homens com quem costumo trabalhar não são modelos para ninguém. São depravados e assassinos, como eu.

Acho que ele está safo. Além de que não é possível que pertença às Dark Forces. Não tem a dureza necessária.

— Sou apenas um oficial subalterno — diz o Eren, rindo-se e abanando a cabeça. — Oh, o Bradshaw acordou — acrescenta num murmúrio, olhando para lá de mim. Sigo o seu olhar e viro-me para o lado oposto, onde outra coxa faz pressão contra a minha. Sou recebida pelos mesmos gélidos olhos azuis e pela cicatriz intimidante por baixo do olho esquerdo. A descoloração fica mesmo por baixo da pálpebra inferior, mas ele não parece nada afetado por isso. *Teve sorte por ter escapado a uma lâmina tão perto.*

O Jenkins não teve tanta sorte. Estremeço quando me lembro do sangue que lhe jorrava do peito. Cerro as mãos sobre as coxas

e pestanejo numa tentativa de afastar a imagem dele da minha mente. Tenho de o recordar como o soldado que era, não pela sua aparência quando o deixei no campo de batalha. Disse-me que o deixasse ali, e foi o que fiz. Segui a sua última ordem.

Isso é o que mais me atormenta, a percepção no seu olhar de que eu ia cumprir a ordem dele e deixá-lo ali. Cerrou os dentes em aceitação e sorriu.

A dor nunca cessa, só cresce.

Obrigo os meus dedos a abrirem-se.

O Bradshaw olha para mim calmamente, com a sua postura fria ainda intacta. O desinteresse que emana dele é irreal. São gémeos, disso não há dúvida, mas, agora que olho para ambos com atenção, percebo que os seus olhos são de tons diferentes de azul e que as suas personalidades não podiam ser mais opostas. São como fogo e gelo.

— Nellie — apresento-me, estendendo a mão para apertar a dele, como fiz com o Eren, mas o Bradshaw limita-se a dirigir-me o mesmo olhar insensível. Não parece tentado a apertar-me a mão. *Credo, qual é o problema dele?*

O Eren dá-me um leve encontrão com o ombro.

— Ele é um idiota com toda a gente, não leve a mal — observa. O Bradshaw não responde nem parece ofendido. Limita-se a colocar de novo os auscultadores nos ouvidos e a fechar os olhos. Tem pestanas compridas que lhe realçam a pele pálida. Olho para ele fixamente, um pouco mais do que devia. Admiro os seus traços etéreos antes de voltar a minha atenção de novo para o Eren. — Quer tomar uns copos connosco esta noite? — pergunta, sorrindo. — Ou tem algo para fazer?

Está a convidar-me para sair? Um estremecimento percorre-me o peito. Só há uma pessoa que me preocupa encontrar antes de amanhã. Chamam-lhe Bones. Correm rumores de que é o homem mais cruel das Dark Forces. Parece que gosta de afastar costelas e, literalmente, arrancar corações. Às vezes, mesmo ossos. O que lhe valeu o seu perturbador nome de código.

Infelizmente, é meu camarada no Malum, e não sei como vou sobreviver.

Mas o Eren não é ele. Tenho a certeza disso. Se vou ser infeliz no próximo mês, porque não divertir-me um pouco?

Devolve-lhe o sorriso.

— Claro. Só não posso ficar até muito tarde. Tenho um compromisso de manhã cedo — respondo, do modo mais casual que consigo. As minhas veias enchem-se de adrenalina com a ideia de sair numa última noite de liberdade. Com sorte, consigo que o Eren alinhe numa única noite de sexo.

— Nem pensaria em reter alguém tão doce até tarde — observa, com um sorriso que me mata.

*

Afinal, o bar é um clube noturno movimentado. Não daqueles grosseiros das cidades pequenas, mas do tipo que tem porteiros corpulentos à porta a verificar reservas e listas.

Pago ao motorista do Uber e contemplo o edifício. A música soa tão alto que é difícil ouvir até as conversas no exterior. *Não seria melhor voltar para o hotel?* Penso nisso, mas o Eren está à minha espera e grita o meu nome.

As leggings e a t-shirt macia justa que usei no avião pareciam apropriadas para um bar, mas agora sinto que me destaco entre as raparigas mais jovens vestidas com camisolas pelo umbigo e calções curtos. Não que eu tenha algo assim para vestir, em todo o caso. Fiz a mala com poucas coisas; não tenho mais do que três conjuntos para sair. A viagem para cá representou a minha primeira saída da base em meses. As Dark Forces não são exatamente compostas por indivíduos livres. Estamos a meio caminho entre criminosos e mastins militares.

— Cá está ela — saúda o Eren, juntando-se a mim na beira do passeio. — Achei que podias fugir se não te viesse buscar. — Piscame o olho e tudo o que consigo fazer é sorrir desajeitadamente.

— Passou-me pela cabeça.

Ele ri-se por entre dentes e conduz-me para a porta. Olho por cima do ombro para a fila de pessoas zangadas que esperam para entrar, cuja raiva e impaciência são palpáveis. Também detesto quando me passam à frente. O porteiro dirige-me um olhar carregado, mas o Eren faz sinal com a cabeça e ele deixa-me passar sem qualquer problema.

Não imaginei o Eren como alguém que frequenta clubes, com base na sua aparência.

— Já aqui tinhas estado? — pergunta baixinho, passando-me um braço sobre os ombros. Um arrepio percorre-me a espinha e o meu coração bate mais depressa. Aceno que não com a cabeça e ele sorri. — Prepara-te para uma noite fantástica.

Entramos no piso principal do clube. Está escuro e é difícil distinguir os rostos das outras pessoas. Luzes azuis e roxas piscam ao ritmo da música que ecoa pela sala e faz as minhas veias serem percorridas pelo entusiasmo. Um vapor descreve volutas no ar enquanto as luzes cortam as sombras e eu sou envolvida pelo cheiro inconfundível do álcool.

Não entrava num lugar assim desde os meus 22 anos, mas este é mesmo *muito* mais elegante.

O Eren sorri para mim, evidentemente agradado consigo perante o meu espanto.

— Vou buscar bebidas para nós — diz num tom alto.

— Traz-me uma lata por abrir — grito por cima da música. Uma expressão marota toma conta do rosto dele.

— Rapariga inteligente — observa, desaparecendo na multidão junto ao bar.

Solto uma gargalhada e abano a cabeça, pensando em como correrá a noite. Uma noite de sexo sem compromisso não seria a pior coisa do mundo para aliviar o meu temor do que me espera amanhã. O Eren parece ser o tipo de homem que é bom em engates sem consequências. Na nossa profissão, não é uma má característica para se ter. As nossas vidas estão por um fio, para dizer

o mínimo, e estamos sempre em movimento. Mas, no meu caso, sou clandestina; não poderia ter uma relação, mesmo que quisesse.

Parece que o Eren pode demorar. Semicerro os olhos enquanto vejo como tenta chamar a atenção do empregado do bar, mas são tantas pessoas a gritar e a acenar com os respectivos cartões que tenho pouca fé em que ele volte em breve. O meu olhar varre o mar de gente que salta e se esfrega ao som da música na pista de dança. É o centro do clube, com o limite exterior definido por assentos para os que querem fazer uma pausa e beber qualquer coisa. Cada batida tão alta que reverbera nos meus ossos. Sorrio para comigo e abro caminho para o calor dos corpos ébrios e transpirados. Onde estou certa de que ninguém me verá divertir-me como se não houvesse amanhã.

Estar num lugar onde ninguém me conhece é uma sensação totalmente diferente. Ninguém para me julgar se me soltar.

Estou a dançar há mais de dez minutos com movimentos casuais quando uma versão remix da «Hey Mama», do David Guetta, começa a tocar e faz todos soltarem gritinhos excitados. A sensação é entusiasmante, e o meu coração começa a bater-me levemente no peito. Deixo o meu corpo seguir o entusiasmo e movo-me a compasso com o baixo, abanando as ancas ao ritmo da canção.

Sentindo as pálpebras pesadas, levanto o queixo e olho por acaso para a parede mais distante do clube. E vejo o Bradshaw encostado a ela. Tem os braços cruzados e percebo que está todo vestido de preto, ainda com o capuz posto. Um raio de luz púrpura incide nele por um instante, iluminando os seus frios olhos azuis e revelando que estão fixos unicamente em mim, como se me observasse durante todo o tempo em que abanei as ancas. Não olhei bem para nenhuma das tatuagens do seu pescoço antes, mas, quando a luz incide nele, é impossível não perceber a tinta que segue a linha perfeita do seu queixo e a torna mais dura.

Há algo na forma como olha fixamente para mim, tal como um homem faminto que contempla a possibilidade de cometer um ato odioso. Não preciso que me digam que não vai nenhum pensamento bom na sua cabeça.

Tudo nele são sinais de alerta. Mas não consigo desviar o olhar. Ele cativa-me, chega a *assustar-me*, e eu sou capaz de matar um homem em cinco segundos.

Sinto um frio nas veias sob o seu escrutínio, mas não paro de dançar. Enfrento o seu olhar intenso durante alguns segundos para que saiba que não me deixarei intimidar por ele, antes de me obrigar a desviar casualmente o olhar noutra direção, como se não o achasse hipnotizante.

Como é que me esqueci do gémeo psicótico? Reviro os olhos e censuro-me por isso. Recuso-me a deixar que ele saiba que me sinto afetada pela forma como me observa com tanto cuidado. A minha mãe sempre me disse que gosto de mauzões. Duvido que ela soubesse que, depois de crescida, eu gostaria dos que têm claramente problemas psicológicos. Aqueles de quem não falamos a Deus quando vamos à igreja e pedimos perdão pelos nossos pecados — aqueles que trazem histórias sombrias e traumas.

Curiosa, e talvez um pouco provocadora, ergo o olhar para ele de forma lenta e encontro-o a observar-me fixamente. Percorre-me um calor quando me apercebo do seu atrevimento. Ele não quer saber se lhe devolvo o olhar. Não parece minimamente enervado enquanto continuo a dançar, sem me deixar perturbar por ele, rebolando as ancas e erguendo as mãos acima da cabeça, como todos os outros, mas reparo que os seus dedos se cerram com mais força sobre o braço e o seu lábio inferior fica achatado sob os dentes.

Oh. Afinal, as muralhas dele não são impenetráveis.

Continuo a dançar e alguém surge por trás de mim, passando suavemente os dedos sobre as minhas ancas numa pergunta silenciosa. Sorrio, apoiando as costas nos seus dedos e fazendo força com o rabo contra uma ereção.

Sim, já há algum tempo que não entrava num clube como *este*. Em que o ar está carregado de luxúria e de cheiro a álcool. Em que estranhos nos tocam no corpo na esperança de que os deixemos fazê-lo.

O meu novo parceiro de dança responde instantaneamente, movendo-se ao ritmo das minhas ancas. Enterra os dedos na

minha cintura enquanto nos balançamos. A sua respiração torna-se mais pesada a cada batida da música. Esqueço-me de mim por um instante, encostando as costas aos seus músculos fortes e apreciando o cheiro a água-de-colónia que me invade as narinas.

Olho para onde está o Bradshaw, mas ele desapareceu. A ereção que me pressiona o traseiro não me incomoda muito, mas não tenho de me interrogar aonde ele foi durante muito tempo.

— Ei, o que estás a fazer? — grita furiosamente o homem atrás de mim. O seu corpo afasta-se rapidamente do meu e o ar frio deixa-me logo azeda.

A música soa alto, fazendo o meu coração bater. Volto-me e vejo o Bradshaw empurrar o tipo com quem eu dançava para o lado. Ele parece querer devolver o empurrão, mas basta um olhar para a sua fisionomia intimidante para se contentar com soltar uns palavrões enquanto se afasta por entre a multidão.

— Qual é o teu problema? — grito, fazendo uma careta de desgosto.

O Bradshaw volta a sua atenção para mim com a mesma frieza, mas desta feita com uma sombra de interesse.

— Estás aqui *connosco* — responde, falando pela primeira vez, e tudo fica em silêncio por um instante. A sua voz ecoa na minha cabeça apesar de ele não ter gritado. Quero ouvi-la de novo.

Engulo a custo e decido não me preocupar mais, sem saber exatamente quais são as suas intenções.

A canção seguinte faz-se ouvir com um estrondo, uma versão remisturada de «Summertime Sadness», da Lana Del Rey. Voltando a dançar, não desvio os olhos do Bradshaw. O seu olhar gélido cintila sob as luzes que piscam. Tem as narinas dilatadas e o maxilar cerrado.

Volto-me para escapar ao seu olhar pesado, deixando o meu corpo encontrar o ritmo de novo. *Céus, espero que o Eren se despache com as bebidas.*

Sinto umas mãos calejadas nas ancas. Não preciso de me voltar para saber que pertencem ao Bradshaw. São duras e exigentes,

tão rígidas como a sua aparência, mas mais sensuais do que tudo o que conheci. Talvez seja da malícia por trás delas. Da intensidade com que me agarra. O meu corpo é tomado pelo calor quando ele afunda os dedos na minha carne.

O meu corpo traiçoeiro derrete-se instintivamente contra os contornos duros do seu peito. Fico agradavelmente surpreendida com os músculos que sinto por baixo da camisola. Será militar, como o irmão? Roço o rabo contra ele e sorrio quando percebo que tem uma ereção.

Ele mantém uma mão sobre as minhas ancas em movimento enquanto insere um dedo sob a minha camisola, acariciando-me a pele do estômago como se pedisse permissão. O meu sorriso devido a esta interação começa a fazer-me doer as faces. Desço a minha mão até à sua e puxo-a um pouco mais para cima, para que saiba que não me importo que ele me explore.

O Bradshaw ri-se entredentes de forma sombria, num volume quase insuficiente para eu ouvir. É um som tão voraz que tenho de apertar as coxas para controlar a sensação urgente.

Caraças. Quem é este tipo?

CAPÍTULO 2

NELL

Perco-me nestes curtos momentos com ele. Dançando como se os nossos corpos se conhecessem há anos. O seu cheiro envolve-me e eu inspiro-o. Ele cheira a floresta fresca pela manhã, antes de a neblina se dissipar.

A sua boca desce para o meu ombro e eu mordo o lábio para conter os pensamentos que me martelam a cabeça. *Raios o partam, é a minha última noite durante sei lá quanto tempo.*

O Eren aparece com duas bebidas na mão quando a canção seguinte começa a fazer-se ouvir. Sorri-nos maliciosamente. Surpreende-me que pareça mais divertido do que ciumento ao ver-nos dançar. Paro de dançar e a vergonha que sinto sobe-me às faces.

O Eren entrega-me a bebida numa lata por abrir, como prometido, e bebe um longo gole da sua lata antes de gritar:

— Conseguiu fazer o Bradshaw dançar contigo? Caramba, trouxeste-o pela pila ou algo do género?

O Bradshaw não se ri. Eu também não. O Eren ri-se da própria piada à nossa custa.

— Não te importas de que dancemos os dois? Eu estava na dúvida se...

— Todas as cartas estão na mesa — interrompe-me o Eren. — Esperava que vocês os dois ficassem juntos esta noite — acrescenta, dirigindo-me um sorriso astuto. *Porque é que isso faz com que me sinta usada?* Devia ser eu a usá-lo. Ele franze o sobrolho como se percebesse a preocupação no meu olhar. — Ele tem dificuldades com mulheres... porque é um idiota. Pensei que pudessem dar-se bem — observa, tão inocentemente que não consigo sentir-me irritada. Não quando partilham o mesmo rosto adorável. Porque havia de me importar o que está escondido ali por baixo?

— Não me digas. Ele devia tentar não ser tão assustador — respondo, e os dedos do Bradshaw enterram-se mais nas minhas ancas ao ouvir-me. Olho para ele por cima do ombro. Ele enfrenta o meu olhar por um instante, sem que eu consiga ler as suas intenções, antes de olhar para o irmão.

Era o Eren que eu queria inicialmente, mas mentiria se dissesse que não estava mais interessada no Bradshaw. Ele esconde segredos e demónios por trás da expressão sem alma que ostenta. Algo danificado e estragado que não deixa que se veja.

Solto um suspiro antes de abrir o meu *spritzer* e o beber de um trago. O Bradshaw põe-se ao lado do irmão enquanto trocam algumas palavras. Mas não consigo perceber o que dizem por causa da música muito alta. Depois olham com espanto para a lata vazia que amachuco entre as mãos.

— Que foi? Esperavam que fosse bebendo uns golinhos? — desafio, recusando-me a sentir-me envergonhada pela minha capacidade para beber.

— Vão-se embora daqui — diz o Eren, rindo-se e dando uma palmada nas costas do Bradshaw. — Tenho a certeza de que não irei muito depois — remata, piscando-nos o olho. O meu sangue lateja-me nos ouvidos quando faço contacto visual com o Bradshaw.

— *Sair daqui?* — pergunto, a ninguém em particular. A noite de sexo sem compromisso que procurava parece promissora, mas com o irmão psicopata em vez do tipo com quem pensava que seria.

O Bradshaw acena com a cabeça ao irmão e o Eren beija-me a testa antes de nos dizer adeus. *Esperem*. O Bradshaw conduz-me até à entrada do clube, onde a música não soa tão alto, antes de eu começar a abrandar.

Ele dirige-me um olhar interrogativo. A frieza desapareceu-lhe ligeiramente dos olhos, e pergunto-me se será porque ambos sabemos a direção que a noite está a tomar.

— Vamos para o meu hotel — digo ousadamente. Também vou fazer com que proceda ao seu registo junto de quem estiver na receção antes de subirmos. Todos os cuidados são poucos. Já vi histórias de *true crime* suficientes para tornar paranoica qualquer pessoa sã, apesar de eu ter sido treinada para matar um homem de mais maneiras do que alguém tem o direito de saber. O Bradshaw é uma dessas raras pessoas que me deixam nervosa.

Ele sorri pela primeira vez e é uma coisa digna de se ver. De algum modo, também torna tudo mais misterioso.

— Com certeza — acede o Bradshaw, brindando-me com outro sorriso preguiçoso. *Raios partam*. Ele é o tipo de homem que me faria tirar três dias de férias para foder durante setenta e duas horas seguidas.

Sinto as faces quentes quando ele me pega na mão e me conduz para fora do clube. Guia-me até ao parque de estacionamento escuro, onde sobe para uma mota de alta cilindrada. Obrigo o sorriso que me quer rasgar o rosto a manter-se discreto. *Não há dúvidas de que ele é uma caixinha de surpresas*. O Bradshaw oferece-me o seu capacete e eu ergo-lhe o sobrolho.

— Usa-o — diz secamente, quase aborrecido com a minha preocupação por ele não ter capacete.

Idiota. Enterro o capacete na cabeça e sento-me atrás dele, passando os braços em torno do seu tronco amplo e entrelaçando os dedos das mãos. Não é primeira vez que ando de mota, mas sinto-me como se fosse, com o Bradshaw a conduzir. Ele arranca a uma velocidade louca, talvez numa tentativa de me assustar, mas limito-me a sorrir e a encostar a cabeça às suas costas.

Saber que esta pode muito bem ser a última vez que me permito o prazer faz com que seja tomada por uma onda de temor. Mas vou fazer com que seja verdadeiramente memorável. Não me sentia tão excitada desde que o sargento Jenkins me encurralou num duche quando fui transferida para o Riøt.

Fazemos o registo junto do rececionista do hotel e subimos para o meu quarto sem uma palavra. O facto de ele não conversar arrepia-me os pelos do pescoço. Estou perfeitamente ciente do calor do seu olhar enquanto uso o cartão para abrir a porta do meu quarto.

Pouso a carteira na mesa da entrada, assaltada por pensamentos passageiros sobre a estupidez que isto pode ser. Na verdade, nunca fodi com um estranho. Mas a suavidade das suas mãos sobre a minha barriga afasta quaisquer dúvidas que possa ter quando ele me puxa de encontro ao seu peito amplo. Arregalo os olhos. Ele já despiu a camisola, e é apenas a fina t-shirt que tem vestida que me impede de lhe ver os abdominais. Desce a cabeça até ao lado da minha e beija-me delicadamente o ombro. Sinto a sua respiração quente na minha pele.

Volta-me para que fique de frente para o seu peito e baixa a cabeça para me beijar. Abro a boca para dizer algo em vez de aceder de imediato, mas ele solta um suspiro e crava em mim um olhar penetrante. A esta distância, as suas cicatrizes são nítidas, mais definidas e vermelhas. São recentes. Talvez tenham um ano. Dois, no máximo.

— Não estou aqui para te conhecer — diz, num tom sério. Desapegado.

— *Oh...* lamento. Não costumo fazer isto muitas vezes, pelo que... — A voz falha-me e olho para baixo. Um calor de vergonha percorre-me as veias. Ele é absolutamente brutal.

O Bradshaw inclina a cabeça e levanta-me o queixo com a mão, olhando-me friamente nos olhos, como se eu fosse uma refeição que ele quer devorar e depressa. Os meus olhos sobem-lhe até às orelhas, em cujos lobos usa brincos de mola pretos.

— Eu conduzo — diz placidamente, pousando os lábios nos meus.

Em contraste com a sua personalidade, os lábios dele são os mais suaves que já beijei. O seu odor fresco envolve-me e sou instantaneamente sugada para este momento com ele.

Não é o beijo romântico com que as pessoas sonham. É feroz e faminto. O Bradshaw conduz-me para a cama e deita-me sobre os lençóis. Intensifica a sua demanda implacável e as nossas línguas encontram-se com agressividade. Os dentes dele não ficam para trás. Gemo quando morde a parte carnuda do meu lábio inferior.

Ele interrompe a nossa ligação e endireita-se, despindo a camisola e atirando-a para chão. Observo-o com os olhos semicerrados e admiro a nitidez do seu corpo. Nele abundam as cicatrizes em quase cada recanto, o que me dá a certeza de que ele também é militar. Pela gravidade das cicatrizes, assumo que os sulcos compridos sejam de facas KA-BAR. Os ferimentos de bala deixaram marcas em forma de estrela na sua pele. Quero fazer-lhe perguntas sobre eles. Quero conhecer as suas histórias. Mas é evidente que ele não quer falar, e é provável que seja melhor assim. Seja como for, parto amanhã. Por isso, admiro-o em silêncio e deixo que os seus movimentos afastem os meus pensamentos.

Os olhos do Bradshaw encontram os meus enquanto ele me despe lentamente as calças. Desço as mãos até ao cós, mas ele detém-me.

— Gosto ser eu a fazê-lo — confessa, com um sorriso sombrio.

Engulo em seco, tentando permanecer calma apesar de o meu corpo ser o contrário dessa pretensão. A palpitação de necessidade no meu íntimo é suficiente para me fazer estremecer, mas gosto do ritmo lento que ele impõe. Ele gosta de ter o controlo, e algo evidentemente depravado em mim acha isso erótico.

Ele liberta o pénis e atira um preservativo para cima dos lençóis, para quando estivermos preparados.

Os meus olhos demoram-se na sua grossura. A verdade é que não esperava menos. Por algum motivo, os idiotas são sempre dotados.

O Bradshaw volta a sua atenção para mim, levantando-me lentamente a camisola e beijando-me da barriga até ao peito. Desaperta-me o sutiã e tira-me pela cabeça, juntamente com a camisola. Em seguida, despe-me as calças e as cuecas com toda a facilidade. Os meus mamilos eriçam-se com a frescura do ar. Ele toma um nos lábios enquanto acaricia o outro gentilmente.

Contorço-me debaixo dele enquanto me aperta o seio e a sua língua descreve círculos impiedosos em torno dele. Esfrega o pénis na minha abertura húmida, adulando e provocando o meu íntimo até eu enterrar as unhas na pele macia das suas costas. Um murmúrio rouco vibra pelo seu peito quando baixa a mão e usa dois dedos para descrever círculos em volta do meu clítoris. Arqueio as costas e ele puxa-me para mais junto do seu peito, respirando pesadamente e cobrindo-me o pescoço com beijos.

Balança gentilmente as ancas, esfregando o pénis na minha barriga e molhando-me a pele com a pré-ejaculação. *Meu Deus*. Estende a mão para trás de mim, pega no preservativo e usa os dentes cor de pérola para rasgar lentamente o invólucro, olhando-me nos olhos com ar inabalado.

E, desse modo, transforma um preservativo em algo sensual.

O Bradshaw coloca-o sobre o seu pénis pulsante e sorri-me enquanto desce a mão para inserir dois dedos dentro de mim. Gemo perante a intrusão enquanto ele acaricia as minhas paredes interiores, tateando o meu ponto G e sorrindo quando lhe peço que não pare. Retira os dedos antes que eu consiga atingir o orgasmo e mostra-me a prova da minha excitação.

— Vês como estás molhada para um estranho? Mas que linda menina. Também vais gritar para mim? Gostaria que gritasses — sussurra, mas a sua voz não é calmante. É sensual e assustadora. Dominadora.

Quem raio é este homem? Dou por mim a divagar de novo.

Coloca a ponta do seu sexo em linha com a minha entrada e começa a provocar-me, mal introduzindo cabeça para logo a retirar. Sinto-me a esticar para ele, com cada investida a chegar

mais fundo ao mesmo tempo que me penetra, bocadinho a bocadinho.

Gemo e o som volta a atrair a sua atenção para a minha boca. Estende-se sobre mim e murmura de encontro aos meus lábios:

— Gosto à bruta.

Tem o cenho carregado de concentração e as suas investidas são tão dolorosamente lentas que as minhas ancas se movem por vontade própria, tentando que ele entre mais fundo dentro de mim.

O meu centro de prazer palpita ao ouvi-lo e eu aceno, ébria de luxúria.

Sinto o seu sorriso sobre os meus lábios e arquejo quando ele me faz rebolar para o lado. Fica de joelhos e instala-se entre as minhas coxas. Coloca a minha perna direita na vertical com o seu peito. Ainda bem que sou flexível, ou isto seria doloroso. O seu sorriso cruel diz-me que pensou no mesmo.

— Porra, tens um corpo perfeito.

Envolve o alto da minha coxa com a mão e faz pressão com a outra na minha cintura. Depois investe impiedosamente. O grito que solto é instantâneo e tenho de o sufocar colocando uma mão sobre os lábios. No entanto, os gemidos são igualmente altos. O Bradshaw solta apenas rosnados baixos enquanto me fode com uma força com que nunca me tinham fodido. Os seus músculos fletem e trabalham sem qualquer esforço. Ele é um deus em pele humana.

Os seus olhos impiedosos encaram-me desavergonhadamente, apreciando as mudanças da minha expressão entre o prazer e a dor. Para um instante e volta-me de barriga para baixo, para depois se situar de novo dentro de mim antes de percorrer o meu braço com a mão e cerrar os dedos sobre o meu pulso. Gemo enquanto ele sacode as ancas e a sua pila provoca a minha cona. Enche-me completamente, até às partes mais profundas do meu abdómen, e sabe bem que se farta.

Tão bem que mal dou por ele me levantar o pulso acima da cabeça e o prender aos lençóis antes de me envolver o pescoço

com a outra mão. Arquejo, temporariamente surpreendida por ele me dominar por completo, mas o Bradshaw empurra as ancas na minha direção e a minha respiração transforma-se rapidamente num grito de prazer.

Ele penetra-me ainda mais fundo, até ficarmos colados e as suas investidas abrandarem, saindo por completo antes de se enterrar em mim até ao fundo com força suficiente para me fazer gritar de todas as vezes, repetidamente, até me virem lágrimas aos olhos. Faz-me arquejar e gritar como se fosse a primeira vez que me fodem.

— Oh, meu Deus! — grito, enquanto as minhas ancas tremem e me venho na sua pila. Ele não me dá descanso. O meu orgasmo seguinte já se está a formar. Não sei quanto mais aguento.

O Bradshaw passa a mão pelo meu pescoço e pela minha boca, forçando a passagem de dois dedos entre os meus lábios.

— Que Deus? — murmura, junto ao meu ouvido. — Hoje gritas e choras apenas por mim. Deus nenhum será testemunha do que faço de ti.

Fecho os olhos ao ouvi-lo e chupo-lhe os dedos.

Ele ri-se entre dentes e entra em mim com mais força. Grito de novo, cerrando os dedos sobre os lençóis e mordendo-lhe os dedos. Ele geme e tira a mão da minha boca para me fazer voltar a cabeça para ele num ângulo em que me possa beijar. Enfia-me a língua na boca e consome-me. As nossas respirações misturam-se enquanto nos devoramos um ao outro. As suas investidas tornam-se mais rápidas e a sua respiração mais irregular. Todo o meu corpo vibra com a descarga que me percorre a pele como fogo.

Agarro-me aos lençóis quando ele se vem poucos segundos depois de mim, esmagando as suas ancas contra as minhas com mais força e envolvendo-me o peito com os braços enquanto a sua pila intumescida pulsa dentro de mim. Chega até ao meu colo do útero e pulsa a cada movimento que faz. Nunca me senti tão cheia e saciada. Ele cerra os dentes e rosna mais algumas vezes antes de o seu corpo ficar flácido sobre o meu.

As nossas respirações acalmam e ele faz-nos rolar para que fiquemos de lado. Aperta-me contra o peito, com o seu pênis ainda dentro de mim. Não ficaria surpreendida se o preservativo tivesse rebentado durante uma foda tão selvagem. Não costumo dar abraços ternos — só o Jenkins teve permissão para me abraçar —, mas uma vez que me estou a conceder uma última noite de prazer, fecho os olhos e aprecio-o pelo que vale.

O Bradshaw passa o polegar pelo meu flanco algumas vezes, em carícias lânguidas e demoradas, dando-me um beijo no ombro. Retira o pênis lentamente e deixa-me vazia. Quero conversar com ele e conhecê-lo nem que seja um bocadinho. Mas basta um olhar para as suas feições frias para me fazer conter a língua. Tem de novo aquele ar desprendido, como se tivesse carregado num interruptor.

Fizemos aquilo que viemos fazer. Está escrito no seu rosto.

Pronto. Alinho o meu cérebro com essa ideia.

Dirijo-lhe um sorriso genuíno quando me levanto e passo por ele a caminho da casa de banho.

— Foste uma boa foda. Podes sair sozinho — digo, com a máxima determinação que consigo. Prefiro ser eu a fria quanto à separação.

Milagrosamente, impeço-me de olhar para ele uma última vez. Nunca esquecerei os seus olhos frios e o seu rosto de parar o coração. As cicatrizes que contêm um milhão de perguntas e de histórias que nunca saberei.

Fecho a porta da casa de banho ao entrar e abro o chuveiro, colocando-me debaixo dele assim que o vapor se forma no ar.

Foi uma noite agradável. Amanhã serei de novo uma assassina. Deitarei fora a pele de ovelha para voltar a ser eu. *Mas hoje foi divertido*, penso, enquanto ensaboo a pele. Por mais que me considere indigna de me entregar a coisas que me deem alegria. Gosto de pensar que os meus camaradas de pelotão mortos me encorajariam a uma última cortesia antes de ser atirada de volta para o sangue e a lama.

A porta range enquanto esfrego o cabelo com champô. Enxaguoo o rosto e limpo os olhos antes de os abrir. Um estremecimento percorre-me a barriga e um breve arquejo escapa-me dos lábios.

O Bradshaw está no duche comigo, a observar-me com um olhar que não consigo ler.

— Porque é que ainda estás aqui? — pergunto, não soando tão cruel como pretendia.

— Nunca tinham corrido comigo, e não gostei — responde com um sorriso no canto dos lábios, apoiando a mão na parede atrás de mim.

Bufo e reviro os olhos. O sorriso dele torna-se mais amplo.

— Tenho de me levantar cedo, por isso...

Ele solta uma gargalhada que me deixa chocada. A sério que nunca pensei que este homem fosse capaz de se rir. Aperto as mãos junto aos flancos ao sentir o calor que se espalha pelo meu coração quando ouço o seu riso rouco. Talvez porque, apesar de ele ser um estranho, eu percebo que é raro. É um riso sem uso.

— Ora aí está de novo. E não é uma boa sensação.

Preparo-me para me virar, mas ele segura-me pelo queixo e os seus lábios colam-se aos meus num beijo esmagador. Quando se afasta, tem os olhos cheios de curiosidade e estuda o meu rosto atentamente.

— Pensei que *não estavas aqui para me conheceres* — observo com voz rouca.

Ele baixa-se e corre a língua do centro do meu pescoço até aos meus lábios e beija-me algumas vezes antes de dizer:

— Pergunta-me alguma coisa.

Sinto um calor novo palpitar entre as minhas pernas. Deixo que ele me leve até à parede enquanto percorre o meu ombro com a língua, saboreando a minha carne húmida e tateando cada centímetro do meu corpo com as mãos.

— A verdade é que tenho fome e queria tomar um banho antes de ir àquele restaurante que vimos no caminho para cá — respondo, depois de reprimir um gemido.

O Bradshaw afasta-me de si e avalia-me, semicerrando os olhos como se não conseguisse perceber-me. Mas sorri.

— Bolas. Rejeitado *outra vez* — murmura, erguendo uma sobrancelha. — Queres companhia?

Eu cedo.

— Claro.

CAPÍTULO 3

NELL

O Bradshaw encaixa perfeitamente no ambiente tardio de um restaurante aberto vinte e quatro horas por dia. A sua roupa escura confere-lhe um ar sombrio e tem o capuz sobre a cabeça, onde pertence.

Agradeço à empregada quando me traz uma chávena de café e ovos Benedict. O Bradshaw pediu um copo de sumo de laranja e um burrito de pequeno-almoço.

É uma da manhã. *Lá se vai o deitar-me cedo.* Mas não me importo de estar cansada amanhã. Esta está a ser uma noite muito, *muito* melhor do que podia esperar. Há dois anos que não me sentia assim. E a vontade de voltar a gostar de alguém é uma dor que ainda não estou pronta para acalmar. Vou deliciar-me com a sua presença o mais que puder.

Não dissemos uma palavra um ao outro desde que chegámos. Ele não para de olhar para mim como se tentasse perceber-me. Pelo menos, já não me olha com um ar furioso.

Deito dois cubos de açúcar na chávena e três pequenas embalagens de leite falso que são deixadas em cada mesa numa tigela branca. O Bradshaw dá uma dentada no seu burrito e fecha os olhos.

— É assim tão bom? — brinco, cortando os meus ovos, desejosa de o acompanhar na felicidade alimentar.

— É o melhor burrito da uma da manhã que já comi — responde, acenando afirmativamente com a cabeça.

— E quantos já *comeste*? — pergunto, soltando uma gargalhada.

— Acho que é o primeiro — responde, encolhendo os ombros.

— Nunca comeste fora de horas?

Ele acena que não com a cabeça, e a expressão vazia regressa lentamente ao seu olhar.

— Nunca me deixavam sair de casa à noite quando era adolescente. E entrei para as forças armadas muito novo — responde de forma breve.

Sinto um aperto na garganta. Eu sabia. *Evitar o tema do trabalho.*

— Porquê? Os teus pais eram muito rígidos contigo e com o Eren? — pergunto antes de levar a comida à boca. Fecho os olhos quando o molho se apodera das minhas papilas gustativas. *Tão bom.*

Ele olha para mim e sorri.

— Ficámos órfãos muito cedo. A nossa família de acolhimento deixava o Eren fazer o que queria. Só me mantinham trancado por acharem que eu magoaria pessoas se tivesse a oportunidade.

O meu garfo fica parado no prato.

— E terias feito isso?

— Talvez — responde o Bradshaw, observando-me com um olhar inquiridor antes de concluir: — Sempre fui uma criança meio *fora*.

Eu também. Quero admitir isso mesmo, mas as palavras morrem-me na garganta.

— Hum, isto é estranho — continua ele, com uma sombra a apoderar-se dos olhos gélidos.

— O quê?

— Esta é a parte em que devias ter medo de mim.

Bebo um gole de café antes de olhar para o restaurante vazio, para depois fixar os meus olhos nele.

— Não me metes medo — respondo. Mas mete, ainda que só um pouco.

Uma expressão sinistra apodera-se do seu bonito rosto e provoca-me um arrepio.

— A sério? — pergunta, pegando na bebida e tomando alguns goles. A sua maçã de adão sobe e desce algumas vezes, e detesto como a observo tão atentamente. Ele poussa o copo e lambe os lábios. — Do que *tem* medo uma rapariga como tu, então?

Tento pensar no que me assusta.

Tinha medo de perder o Jenkins e o meu esquadrão, mas já aconteceu.

— Do mar — respondo, com um sorriso matreiro.

— Estás a falar a sério? — insiste ele, mostrando-me um sorriso sarcástico.

— Claro que estou! — respondo, soltando uma gargalhada. — Inúmeras pessoas têm medo do mar. É enorme para caraças e é muito fácil perder o controlo das coisas na vastidão das suas águas — explico, estremecendo só de pensar nisso.

O Bradshaw inclina-se para diante com o cotovelo sobre a mesa e o queixo apoiado na palma da mão. Os fios de cabelo negro que tem caídos sobre a testa tornam-no ainda mais encantador. Pestaneja como se as minhas palavras fossem interessantes, e o seu sorriso é de contentamento.

— Para onde é que estás a olhar? — pergunto, irritada.

— Para a mulher que tem medo do mar, mas não de mim — provoca.

— E de que tem medo um homem como tu? — pergunto por minha vez, semicerrando os olhos e dando-lhe um toque brincalhão no pé. Podia estar num filme antigo neste momento, a namoriscar com o homem dos meus sonhos. Penso nisso enquanto o vejo hesitar para responder. — Então?

— Nada me mete medo — responde.

— Isso é treta — protesto, e o meu pé brincalhão passa a dar pontapés.

Ele dirige-me um olhar furioso antes de parar e abanar a cabeça, com outra das suas gargalhadas suaves.

— Pronto, está bem. Acho que se tivesse de dizer uma coisa, seria sobreviver ao meu irmão gémeo.

Aceno que sim com a cabeça.

— Ele é a única pessoa que te importa? — pergunto.

— É a única pessoa que me resta — corrige.

Então, houve outras pessoas, mas já não estão presentes. Recosto-me na cadeira e cruzo os braços. A perda não me é de todo desconhecida.

— Lamento saber — digo.

O Bradshaw encolhe um ombro.

— É a vida. — Faz uma pausa antes de mudar de assunto. — E o que faz uma pessoa como tu em Coronado? — Faz sinal à empregada de que já terminámos.

— Estou a experimentar novos lugares. A ver o que me convém — minto. A empregada aproxima-se a trote com a conta e as minhas faces ficam quentes quando ele lhe entrega o dinheiro antes que eu possa levantar objeções.

— Obrigada — digo à empregada, que se afasta.

Ele estende a mão para a minha, expectante. Ponho os dedos sobre os dele.

— Há muito tempo que não conhecia alguém com quem gostasse de falar, sem ser o Eren — admite ele, passando o polegar sobre as pontas dos meus dedos antes de soltar a minha mão e indicar a saída com a cabeça.

— Eu também. Mas obviamente sem a parte do Eren — murmuro. O Bradshaw faz uma careta e abana a cabeça, sorridente.

— Vês? Só dizes coisas esquisitas.

— Tu também.

— Talvez seja por isso que não me chateias.

Espero que ele me passe à frente antes de sorrir para comigo. Ele parecia o Jenkins quando disse aquilo. *Não me chateias*. Foram as primeiras palavras amáveis, e duramente merecidas, que ouvi

do meu sargento. Palavras que nunca pensei ouvir de lábios tão frios como os dele.

É por isso que sei que, no fundo, o Bradshaw também é uma pessoa amável.

Voltamos a esquina, de regresso ao hotel. Penso em dizer-lhe que não tem de me acompanhar, mas duvido que me dê ouvidos.

— Então, Bradshaw, que tipo de homem és realmente? — pergunto, dando-lhe um leve encontrão com o ombro. Os músculos do seu pescoço estremeçam, mas ele continua a andar.

— Sou um demónio.

— Um demónio? — repito, incrédula.

Se ele soubesse do que sou capaz, também me acharia um demónio.

— Sim. Fiz coisas que ninguém imagina. Coisas que me odeio por ter feito. — *Pronto, demasiado ameaçador, não?* — E tu? Que tipo de pessoa és?

Penso nisso. Abati muitos *alvos*. Atribuídos e suportados por meio de papelada. Pessoas que não conhecia nem sabia por que matava. Não faço ideia de quantos filhos, irmãos ou irmãs tinham. Limitei-me a seguir ordens, cegamente e pouco me importando. O Jenkins chamava-me sempre a sua pequena ceifeira mortal.

— Sou uma ceifeira — respondo, distraidamente.

Ele para diante da porta do hotel e olha para mim de sobran-celhas erguidas.

— Uma ceifeira, hem? É uma coisa estranha para uma jovem bonita dizer — observa, semicerrando os olhos.

Se ele soubesse. Mas a minha vida é um segredo pecaminoso e as minhas ações não passam de um murmúrio ao vento.

Mas não deixa de me fatigar, com cada morte a levar um pouco mais da minha alma do que a anterior.

— Em que é que trabalhas? — pergunta, passando o polegar pela minha face.

Inspiro levemente e abano a cabeça.

— Estou entre empregos — respondo, e, *tecnicamente*, a verdade é que de momento estou entre esquadrões.

Ele franze o sobrolho pensativamente, mas aperta-me num abraço, passando os dedos pelas minhas costas. Fico imóvel quando os seus dedos se detêm a meio do caminho, junto à minha coluna, sobre a cicatriz de bala que sei que lhe despertou o interesse.

— O que fazias antes? — insiste. Consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro começarem a girar.

— Hum, trabalhava numa biblioteca — respondo, com o meu cérebro a entrar em curto-circuito.

Ele afasta-me à distância de um braço e olha-me com desconfiança.

— Porque é que mentes?

Os meus pulmões deixam de trabalhar.

— Não estou a mentir.

A frieza regressa ao seu olhar, e a dureza às suas feições.

— Que importa isso? — insisto, retribuindo a frieza. — O que fazes tu?

Ele não responde.

— Tal como pensava. Hipócrita.

Tento contorná-lo e entrar no átrio do hotel, mas o Bradshaw detém-se entre mim e a porta.

— Não dizes no que trabalhas pelo mesmo motivo que eu? — Há uma nova entoação na sua voz, como uma lâmina apontada diretamente a mim.

Levanto os olhos para ele e encaro o seu olhar de escrutínio. A beleza divina deste homem devia ser ilegal.

— De que estás a falar? — respondo, tão casualmente quanto consigo. Ele estuda-me com desdém a arder-lhe no olhar antes de me empurrar contra a parede de tijolo do edifício. Em seguida, inclina-se para mim, cercando-me com os braços apoiados na parede atrás de mim.

Fico imóvel. Não consigo respirar. Não consigo falar.

— Não te chamas *Penelope Gallows*, ou chamas? — pergunta, com palavras cuidadosas.

Todos os pelos da minha nuca se eriçam e ele percebe o choque que se apodera da minha expressão.

Como é que ele sabe o meu nome verdadeiro? A menos que... não.

— Não estás na clandestinidade... nas Dark Forces... ou estás?

A minha voz soa trémula.

Os seus olhos arregalam-se quando menciono o nosso ramo secreto e a sua expressão fecha-se com animosidade. Os músculos do Bradshaw fletem-se e o seu espanto transforma-se rapidamente em raiva.

— És a porra da *coelhinha* que puseram no nosso esquadrão.

Oh. Merda para isto.

«JUNTOS, OS NOSSOS PEDAÇOS PARTIDOS PODEM FAZER TUDO.»

Nell Gallows é a única sobrevivente do Riøt, um esquadrão de elite das Dark Forces, depois de um ataque ocorrido dois anos antes. Agora, foi transferida para o Esquadrão Malum, uma temida equipa de operações especiais enviada para as missões mais perigosas. Mas há um problema: os membros do Malum culpam o Riøt pela morte de um dos seus camaradas. É por isso que, ainda antes de conhecer a sua nova equipa, Nell já sabe que aquele é o pior sítio possível para estar.

Na sua última noite de liberdade antes de se apresentar ao serviço, Nell decide divertir-se e acaba na companhia de um homem atraente e misterioso que conheceu no avião. Devia ser apenas um caso de uma noite, mas Nell descobre demasiado tarde que o homem com quem se envolveu não só pertence ao seu novo esquadrão, como é o elemento que ela mais temia — o seu superior direto, a quem chamam Bones.

Bones é conhecido como o homem mais cruel das Dark Forces, brutal e implacável, mas, acima de tudo, detesta Nell e não se coíbe de o demonstrar. Ainda assim, ela dá por si estranhamente atraída por ele e sem vontade de o abandonar, mesmo quando as coisas se descontrolam na nova missão, preferindo manter-se com aquele demónio e os segredos que ele esconde.

E quando toda a esperança desaparece, só se têm um ao outro.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-981-0



9 789895 839810